

Pioneiros do futuro
— uma saga brasiliense



APRESENTAÇÃO

Pioneiros de um grande futuro

Criada para receber o futuro, Brasília segue sempre olhando para frente, sem, é claro, esquecer dos sonhos dos que desbravaram o Planalto Central até a inauguração da Capital da Esperança, em 21 de abril de 1960. Brasília foi tecida com os fios da perseverança, de geração a geração. A capital ganhou corpo, se agigantou, mas não perdeu a essência. Inovação e tradição andam juntas pelas quadras e superquadras. É uma cidade construída por pessoas,

cujo pertencimento a esse quadrado se reflete nas entrevistas deste caderno especial. O presidente do **Correio**, Guilherme Machado, gosta de destacar que Brasília "é símbolo de um Brasil moderno, que cresce sem perder a essência". Ana Dubeux, chefe de Redação, ressalta a matriz humanista da cidade, que acolhe quem chega. "É sempre gratidão", destaca. O cronista Severino Francisco enfatiza a vocação da cidade. "Para mim, Brasília é a utopia do que o Brasil poderia ser, apesar

de ter se tornado uma cidade distópica. Mas esse estado é circunstancial, é um estado de exceção. A verdadeira vocação de Brasília é a utopia", diz. Recém-formado, o jovem repórter Luiz Felipe Alves está descobrindo a capital do país, "é um lugar que reúne culturas do Brasil e do mundo inteiro". Brasília é essa mistura de bons sentimentos, afinal, somos todos pioneiros de um grande futuro.

José Carlos Vieira, editor

O **Correio Braziliense** divide a certidão de nascimento com Brasília e permanece como o principal guardião dos arquivos e das transformações da cidade, com um olhar para o futuro

As primeiras páginas da capital

» LETÍCIA MOUHAMAD

Ed Alves/CB

Correio Braziliense e Brasília dividem a mesma certidão de nascimento. Em 21 de abril de 1960, enquanto o país voltava os olhos para a nova capital, o jornal fundado por Assis Chateaubriand rodava sua edição número um, consolidando-se como o primeiro registro histórico da cidade que surgia no Planalto Central. Naquela ocasião, o som das rotativas se misturava ao barulho das festividades da inauguração, marcando o início de uma simbiose entre o impresso e o concreto que perdura até hoje, incluindo a tecnologia digital.

O nome escolhido foi um resgate estratégico: uma homenagem ao periódico de Hipólito José da Costa, editado em Londres em 1808. Ao retomar esse título, Chateaubriand conectava o projeto modernista de Juscelino Kubitschek às raízes da própria imprensa brasileira, conferindo à nova capital uma linhagem intelectual e histórica imediata. O jornal não apenas acompanhou a construção, como deu voz e rosto aos candangos e pioneiros que, até então, eram personagens de um canteiro de obras, documentando o esforço humano por trás das curvas de Oscar Niemeyer e do traçado de Lucio Costa.

Nas décadas seguintes, as páginas do **Correio** transformaram-se no principal arquivo da identidade brasiliense. Em meio à poeira e ao concreto, o jornal ajudou a sedimentar o cotidiano das superquadras e a vida política nacional que passava a pulsar no Eixo Monumental. Por meio de uma cobertura que equilibra as decisões do poder e as demandas urbanas, o veículo firmou-se como o diário que acompanhou a evolução da cidade.

Ao longo de sua trajetória, o jornal funciona como um espelho das transformações sociais do DF, documentando o nascimento das regiões administrativas, a chegada das primeiras universidades e a consolidação de uma cultura tipicamente local, que mistura influências de todos os cantos do país. O **Correio** foi o veículo que primeiro noticiou a chegada da luz elétrica nas quadras, a inauguração de escolas e os desafios de uma população que aprendia a viver em uma cidade planejada.



Redação do Correio Braziliense: integração entre o digital e o impresso

Além de registrar o progresso físico, o jornal consolidou-se como o espaço de debate para as grandes questões que moldaram a autonomia política do DF. Das campanhas pelas Diretas Já à luta pela representação política própria, o **Correio** esteve presente em cada embate, servindo de elo entre os anseios da população e o poder público. Essa função de vigilância e serviço reafirma que, muito além de um veículo de notícias, o jornal permanece como um pilar institucional indispensável para a democracia e para o amadurecimento social da capital.

Mais de seis décadas depois, o **Correio** permanece como a memória impressa — e digital — de uma capital que nasceu com a missão de ser o futuro, mantendo-se como a principal fonte de registro dos sonhos realizados e dos novos desafios da cidade, renovando diariamente seu compromisso com a história que ainda está sendo escrita.

Correio Braziliense/CB/Reprodução



Rainha Elizabeth II e príncipe Philip visitam Brasília em 1968



Arquivo CB/CB/D.A Press

O jornalista Ari Cunha (E) e o contador dos Diários Associados, João Domingos



Vista aérea do antigo prédio do Correio Braziliense em 1960

Ana Dubeux (diretora de redação); José Carlos Vieira (produção e edição); Joana Cabral (coordenadora de fotografia); Adriana Bernardes (coordenadora de produção); Eduardo Pinho, Malcia Afonso, Márcia Machado, Mariana Niederauer, Patrick Selvatti, Tharsila Prates (subeditores); Ana Carolina Alves, Artur Maldaner*, Beatriz Mascarenhas, Carlos Silva, Darciane Diogo, Gabriella Braz, Isabela Berrogain, Junio Silva, Letícia Mouhamad, Luiz Felipe Alves, Manuela Sá*, Maria Eduarda Lavocat, Mariana Reginato, Mila Ferreira, Nahima Maciel; Paulo Gontijo, Victor Parrini (repórteres); Carlos Vieira, Ed Alves, Marcelo Ferreira, Mariana Campos, Minervino Júnior (fotógrafos); Kleber Sales, Lucas Pacifico (ilustração); Diego Lucas (diagramação); Ailton Pedrosa, Ana Beatriz Valente; Rosiley Bertini (revisão); Marcelo Ramos (projeto gráfico); Lula Cardoso (projeto comercial); Jairo Motta (Opec); *Estagiários sob a supervisão de José Carlos Vieira.